

# Moçambique revisitado em tempos de guerra

24 Janeiro, 2024 Cultura – Voz Portucalense

Por M. Correia Fernandes

Realizou-se na sede da Associação Católica do Porto (Rua Passos Manuel), que é uma herança dos Viscondes da Pesqueira, a quem a Diocese do Porto muito deve, material e espiritualmente, o encontro de apresentação da obra de Amadeu Araújo e Manuel Vilas Boas, publicada pela edições Paulinas, com o título *Moçambique, da colonização à Guerra Colonial: a Intervenção da Igreja Católica*. A obra foi apresentada por Anselmo Borges, padre da Boa Nova e professor da Universidade de Coimbra, com a moderação do jornalista Carlos Magno e a participação do Coro da Paróquia de S. Cristóvão de Mafamude, com a direção de Manuel Vaz Nunes. Registou-se uma mensagem oral, através de telefone, do escritor moçambicano Mia Couto, que lembrou a figura do Bispo D. Manuel Vieira Pinto, mensagem em que assinalou o sentido de humanismo e de espírito fraterno do Bispo de Nampula, que recordava das suas palavras e da sua presença.

Em jeito de introdução, o atual Presidenta da Direção da Associação Católica, João Pedro Frutuoso, congratulando-se com a realização deste encontro, que se inscreve no espírito da própria Associação, em promover os princípios da mundividência cristã e os valores do Evangelho, apelou igualmente a que iniciativa cristãs possam usar o espaço da Associação, central na cidade, para a realização de encontros e debates sobre temas sociais, culturais e eclesiais.

Anselmo Borges lembrou a existência de múltiplas fronteiras na história da expansão, recordando dois momentos: o da aprovação dos Papas aos descobrimentos de novos mundos nos finais do séc. XV e no século XVI, louvando a ação evangelizadora que poderiam trazer, embora com um espírito de cruzada e de supremacia dos descobridores; e por outro lado lembrou no século XIX os novos caminhos que se foram criando para conduzir à independência dos povos, e o acatamento dos movimentos de libertação por parte dos Papas do século XX, na esteira do Concílio Vaticano II, bem como o contexto da posição assumida pelo Estado Português de manter o princípio da tradição histórica colonial. Foi esta abertura à promoção dos valores civilizacionais e humanos para os povos indígenas que acentuou na ação de dois bispos em Moçambique: D. Sebastião Soares de Resende e D. Manuel Vieira Pinto.

## Um livro de valor histórico-cultural

A obra apresentada neste encontro constitui um trabalho de investigação e memória, desenvolvido ao longo de 412 páginas, com uma nota introdutória do General Ramalho Eanes, publicado pelas edições Paulinas.

Ramalho Eanes lembra a figura de Samora Machel, que recorda com uma certa admiração, lembrando o convite formulado para visitar Moçambique, e manifestando-se impressionado “pelo carinho e amizade com que fomos recebidos por Samora e Graça Machel e pelo povo moçambicano”. Exprime a vontade de que esta obra “proporcione, a todos, elementos que permitam fazer a tão necessária reflexão sobre o processo de colonização e descolonização de Moçambique, e sobre a presença da Igreja Católica neste país”.

Efetivamente, a obra reúne um conjunto de dados e acontecimentos que habitualmente são desconhecidos ou descurados nas narrativas históricas sobre o desenvolvimento e a atuação da Igreja no processo de afirmação e valorização das populações e na sua promoção humana e cultural.

É significativo o episódio lembrado por Anselmo Borges, contando como Samora Machel lembrava ao Bispo Vieira Pinto que quando falava com ele não falava de Deus mas das pessoas humanas, ao que o Bispo respondia dizendo que Deus não precisa que falemos dele porque está sempre presente, mas as pessoas humanas e a sua situação precisam e é por isso que lhe falo delas, deste povo que importa desenvolver.

O volume vem dividido em duas partes: a primeira da autoria de Amadeu Gomes de Araújo, com o tema “Da colonização à independência”, com apontamentos sobre a guerra colonial. Os acontecimentos são apresentados com base na experiência do autor que ali viveu e trabalhou de 1971 a 1978, e “sobre os portugueses que ali o colonizaram e sobre os povos que por ali se cruzaram, não esquecendo os dramas vividos da guerra colonial”.

As figuras dos Bispos portugueses, em que sobressaem, Sebastião de Resende e Manuel Vieira Pinto, a ação de evangelização de comunidades como os Padres Brancos, ou a Comunidade de Sant’Egídio, a construção de igrejas e catedrais, a própria ação de D. António Barroso, as instituições da Igreja para a valorização e promoção humana e social (missões, colégios), e intervenção de algumas confissões religiosas na guerra colonial são temas abordados neste trabalho.

Noutra dimensão relacionada, encontra-se o trabalho de Manuel Vilas Boas, que apresenta a “polémica nas dioceses da Beira, Tete a Nampula”, regista uma entrevista com D. Manuel Vieira Pinto, recordando que “nunca

me arrependi de ter lutado pela independência de Moçambique” e os diversos episódios dos dramas vividos, como o apedrejamento da catedral por colonos ou a sua expulsão pela PIDE, e a intervenção dos seus membros na organização da Igreja.

Encontramos também um enquadramento da assinatura da Concordata e do acordo missionário. É dada centralidade à ação do sacerdote Luís Sá, da Sociedade Missionária e da sua ação na diocese de Quelimane, bem como um capítulo dedicado aos Missionários Combonianos, recordando a figura do seu fundador Daniel Comboni. Há também uma entrevista ao Padre Manuel Horta, sobre quem formula esta interrogação: “um herói perdido?”, lembrando o seu documento intitulado “Um imperativo de consciência”, que conduziu à expulsão de Nampula, e a outro padre, José Luzia, da mesma diocese. E muitas outras figuras são recordadas na sua ação evangelizadora e humanizadora, entre as quais os Padres do Macútu e o bispo da Beira Jaime Gonçalves, “figura incontornável no Acordo de Paz entre a Renamo e o Governo de Moçambique”, em 1992.

Contém ainda uma carta de Manuel Vieira Pinto ao presidente Samora Machel, a falar, “mais uma vez, “das violências que, apesar das denúncias feitas, continuam a humilhar e a destruir o nosso povo”. Termina com a transcrição do Acordo Geral de Paz em Moçambique, entre Joaquim Chissano, Presidente da República, e Afonso Dhlakama, Presidente da Renamo, sob a mediação de Bispos como D. Jaime Gonçalves.

Assim, esta obra, por um lado com elementos históricos e por outro lado com experiências pessoais, incluindo ideias e palavras vivenciais, pode lançar uma nova luz histórica sobre ao processo da reconstrução de um país, até aos caminhos do presente, com todas as suas dificuldades e dramas atuais, como as lutas de Cabo Delgado ou as inundações que o têm afligido.

